



Aventura em Torres Del Paine e El Chaltén

Patagônia Chilena e Argentina

15 a 30/03/2014

Transcrição do nosso diário da viagem.

Cristiano da Cruz e Paulo Adair Manjabosco



Sumário

Índice de Imagens.....	3
Introdução.....	4
O Trajeto – Torres Del Paine	5
Mapas de Torres Del Paine	6
1º Dia 15/03 – Iniciando a viagem.....	7
2ª Dia 16/03 – Rumo a El Calafate.....	9
3º Dia 17/03 – Torres Del Paine, aí vamos nós!	12
4º Dia 18/03 – Mirador de Las Torres.....	14
5º Dia 19/03 – Travessia Serón, Dickson, Los Perros.....	16
6º Dia 20/03 – A neve e o “Paso Cerrado”	18
7º Dia 21/03 – Pensamento positivo para “O Paso”	20
8º Dia 22/03 – Caminhando com tempo fechado	22
9º Dia 23/03 – Mirador Francês e Britânico, um espetáculo.	24
10º Dia 24/03 – Rumo à El Chaltén.....	26
O Trajeto – El Chaltén	28
11º Dia 25/03 – Sendero a Laguna de Los Três	29
12º Dia 26/03 – Fitz Roy visão total e Laguna Torre	31
13º Dia 27/03 – No topo do Pliegue Tumbado	33
14º Dia 28/03 – A caminhada no Gelo.....	34
15º Dia 29/03 – Inicia nossa viagem de volta	36
16º Dia 30/03 – A volta do Brasil.....	37
Considerações Finais.....	38
Pensamentos Motivadores	39
Lista de Apetrechos	40

Índice de Imagens

Figura 1: Mapa Circuito “O” e “W” Parque Nacional Torres Del Paine.	6
Figura 2: Mapa Turístico Torres Del Paine.	6
Figura 3: Praça do Congresso Nacional de Buenos Aires.	7
Figura 4: Avenida 9 de Julho - Buenos Aires.	8
Figura 5: Comida Típica Alemã.	8
Figura 6: Almoço em Calafate.	10
Figura 7: Glaciar Perito Moreno.	10
Figura 8: Paredões de gelo de 70 metros – Perito Moreno.	10
Figura 9: Cordeiro Patagônico.	11
Figura 10: Aduana de Cerro Castillo - Chile.	12
Figura 11: Laguna Amarga.	13
Figura 12: Maciço Paine vista do Lago Pehoé.	13
Figura 13: Mirador Las Torres.	14
Figura 14: Acampamento Camping Torres.	15
Figura 15: Trilha do Lago Paine – Passo do Vento.	16
Figura 16: Almoço no acampamento Dickson.	16
Figura 17: Lago e Glaciar Los Perros.	17
Figura 18: Neve no acampamento Los Perros.	18
Figura 19: Nevasca e tempo fechado rumo ao Passo.	19
Figura 20: Equipe que realizou a travessia do Paso.	20
Figura 21: Subida para o Paso.	21
Figura 22: Mau tempo no trajeto Grey - Paine Grande.	22
Figura 23: Local para alimentação, Refúgio Grey.	22
Figura 24: Tempo fechado no acampamento Italiano.	23
Figura 25: Visual da saída do bosque do Mirante Francês.	24
Figura 26: Visual do Mirador Britânico.	24
Figura 27: Lago Nordenskjold.	25
Figura 28: Ônibus na aduana de Cerro Castillo.	26
Figura 29: Fim de tarde no Cerro Fitz Roy.	27
Figura 30: Por do sol no Cerro Fitz Roy.	27
Figura 31: Mapa das trilhas de El Chaltén.	28
Figura 32: Amanhecer em El Chaltén.	29
Figura 33: Visão do Cerro Fitz Roy da Trilha.	29
Figura 34: Laguna de Los Três.	30
Figura 35: Acampamento Poincenot.	30
Figura 36: Amanhecer na Laguna de Los Três.	31
Figura 37: Fitz Roy e Laguna de Los Três.	31
Figura 38: Laguna Torre.	32
Figura 39: Visual do Pliegue Tumbado.	33
Figura 40: Glaciar Viedma (Frontal)	34
Figura 41: Glaciar Viedma (Lateral).	34
Figura 42: Ice Trekking - Glaciar Viedma.	35
Figura 43: Escalada no Gelo no Glaciar Viedma.	35

Introdução

Toda viagem inicia muito antes de acontecer de fato. Começa quando você fica sabendo da existência de qualquer lugar que por algum motivo lhe agrada e lhe chama à atenção. Independente de gostos e preferências, toda aventura começa assim, você passa a imaginar como seria estar naquele local, passa a ler e pesquisar, sua imaginação vai à frente, talvez até em seus sonhos aquele lugar venha a aparecer. Nesses tempos modernos em que vivemos, com o grande número de recursos virtuais e grande quantidade de informação e ferramentas que temos livre acesso, fica fácil visualizar qualquer área e arquitetar tudo que envolve a viagem.

Planejar um *Trekking* de longa duração requer muita atenção, são muitas coisas para pensar, mapas, acessórios, moeda, idioma, mochila, roupas, alimentação, água, transporte, etc. A lista e a complexidade ficam ainda maiores quando o objetivo é ter pouco conforto e muita aventura, pois se a intenção for a de acampar durante a viagem não há como ser diferente disso, então, é preciso ir preparado para tudo que possa acontecer, chuva, frio, calor, umidade, vento, insetos e até mesmo ratos.

Este relato tem por objetivo apresentar os principais aspectos de uma viagem feita para Patagônia, em parceria com meu amigo Paulo Adair Manjabosco. Tive a preocupação de levar em nossa aventura um pequeno caderno de anotações para registrar nosso dia-a-dia. Hoje relendo o diário percebi que muitos detalhes estavam caindo no esquecimento. Como é bom lembrar e reviver cada momento, as paisagens, os fatos engraçados, os difíceis e todas as alegrias vivenciadas.

Nas páginas a seguir você poderá conferir os detalhes, as fotografias dos locais visitados como se estivesse ao nosso lado no fim de cada jornada. Minha expectativa é que você que está lendo isso, volte no tempo e refaça os caminhos junto com a gente, que a cada página lida você fique com vontade de ler à próxima, pois numa viagem como essa cada dia é único, mesmo que alguns fatos se repitam. Espero conseguir transmitir aqui os acontecimentos com a mesma emoção e entusiasmo que vivemos nos dias em que passamos na maravilhosa reserva natural situada entre o Chile e a Argentina.

O Trajeto – Torres Del Paine

Nossa intenção desde o início do planejamento da Aventura era realizar o circuito “O” do Parque Nacional de Torres Del Paine, na Patagônica Chilena. O trajeto mais completo e mais selvagem do parque, o circuito “O” circunda toda extensão do maciço Paine através de trilhas e estradas onde a cada passo você pode contemplar um visual simplesmente sensacional. Há também o circuito “W”, este é um trecho mais turístico e conta com uma infraestrutura de pousadas e restaurantes que oferecem muitas opções e conforto para o aventureiro, o único “porém”, é que o preço aumenta consideravelmente se comparado àqueles que optam por apenas acampar e carregar toda sua alimentação, como foi o nosso caso.

No entanto, não pense que o circuito “W” se torna mais fácil por conta dessa infraestrutura citada, muito pelo contrário, este trajeto, embora seja mais curto se tratando de quilometragem que o circuito “O”, apresenta os trechos de maior aclave, dificuldade e ventos. A subida até o Mirante “Las Torres”, por exemplo, um dos pontos altos do trajeto “W” é uma trilha íngreme em meio às árvores, pedras e belíssimos bosques, e a subida final é de acabar com o fôlego até mesmo de pessoas que estejam com ótimo preparo físico, mas o visual, acreditem, é revigorante. Ainda falando do circuito “W”, temos a subida até o Mirante Britânico, que, como não podia ser diferente, também apresenta visual sensacional de montanhas e paredões do maciço Paine, uma beleza natural quase indescritível. E pra finalizar o circuito “W”, quem vai em direção ao Refúgio Grey terá que enfrentar de frente os fortes ventos vindos do Glaciar Grey, ao passo que os aventureiros que percorrem o circuito “O” enfrentam estes fortes ventos pelas costas.

Quem faz o circuito “O”, naturalmente realiza o “W” também, que foi o nosso caso. Nossa intenção era fazer o percurso em cinco (5) dias de caminhada, percorrendo os “senderos” (trilhas) através dos acampamentos de apoio e caminhando em média 25 km por dia, considerando os tradicionais 128 km totais do circuito “O”. Uma vez planejada a aventura, optamos por fazê-la no sentido anti-horário, iniciando pelo Refúgio Central e Acampamento Camping Torres, seguindo para o Norte em direção ao Acampamento Serón, e assim sucessivamente. Abaixo o mapa com os trajetos que realizamos dia a dia marcados por GPS Garmin Etrex 30 e o mapa turístico apresentando todas as trilhas, os nomes e os locais que acampamos.

1º Dia 15/03 – Iniciando a viagem

Encontramos-nos no aeroporto Salgado Filho em Porto Alegre no dia 15, por volta das 14 horas e já fomos logo embalando nossas mochilas em grossos sacos plásticos. Isso é necessário porque não é permitido levar uma mochila cargueira de 60 litros como bagagem de mão, além disso, o volume e o peso que passou dos 20 quilos justificam sem dúvida a necessidade de despachar a bagagem. Já no aeroporto começam as peripécias, na subida da escada rolante olhando mapas e coisas que levamos pra viagem, na empolgação, quase me “arrebento” ao final da subida, pois os degraus terminaram e era necessário, obviamente, dar aquele primeiro ou último passo (como queiram) para sair daquele monstro metálico que te leva pra cima e pra baixo. O Paulo quase se mata de rir, mas tudo certo.

Nosso avião saiu no horário marcado às 15h50min, voo 1229 da Aerolíneas Argentinas rumo a Buenos Aires, onde iremos passar uma noite num hostel no centro da Capital Argentina reservado pelo Paulo por telefone e pela internet. Ao chegar ao Aeroparque, aeroporto localizado às margens do Rio de La Plata, fomos logo para o ponto de táxi rumo à nossa primeira hospedagem. Pagamos 110 pesos ao Taxista. O Hostel, situado na Avenida Rivadavia a duas quadras da Avenida 9 de Julho, centro de Buenos Aires, possui ótimas acomodações e um preço bem acessível, pagamos 255 pesos de ambos para passar a noite lá. Ao chegar ao hostel, mais um fato cômico da viagem, o recepcionista nos acompanhou até nossa “*habitación*” (quarto) e para nossa surpresa havia lá apenas uma cama de casal. Opa! Tentamos trocar, obviamente, mas não teve jeito, os outros quartos estavam todos lotados, então o jeito foi fazer uma barricada de mochilas no meio da cama e dar um monte de risadas.



Figura 3: Praça do Congresso Nacional de Buenos Aires.

Como ainda era cedo, fomos dar uma volta pelas redondezas para conhecer e passar o tempo. O Hostel, muito bem localizado, ficava também há duas quadras do Congresso Nacional da cidade, uma belíssima praça com um chafariz gigante e muito bonito, tiramos algumas fotos no local e depois seguimos em direção à movimentada



Figura 4: Avenida 9 de Julho - Buenos Aires.

Avenida 9 de Julho, tiramos algumas fotos aqui também e percebemos um movimento numa outra avenida logo à frente, assim, fomos lá dar uma olhada.

Ao chegarmos ao local, nos deparamos com uma Avenida toda fechada com uma série de tendas, uma verdadeira multidão, um evento cultural e gastronômico de diversas partes do mundo chamado de “Festival de Las Colectividades”, um ambiente muito divertido com diversos tipos de música, apresentações e muita comida boa pra todos os lados. E agora, o que comer? Escolhemos a tenda alemã que tinha uma espécie de carne assada com legumes, parecia bom, o problema era como pedir o tal rango. Bueno, nada que alguns sinais não resolvessem, e de fato a iguaria era muito boa.

Em seguida, fomos dar uma caminhada também na Praça da Casa Rosada, tiramos mais algumas fotos e voltamos para as proximidades do Hostel onde vimos antes alguns bons restaurantes para jantar, escolhemos um e fomos logo naquele. Era o restaurante Pamplona, localizado na Rivadavia também. Eu, como sempre, estava com fome, pedi um Salmão Grelhado com arroz e saladas



Figura 5: Comida Típica Alemã.

e o Paulo ficou só na salada porque não estava com muita fome. Tomamos uma cerveja Quilmes bem gelada e lá fizemos o nosso jantar do primeiro dia de viagem.

Barriga cheia e satisfeitos, tudo certo, voltamos cedo para o Hostel para descansar, pois iríamos acordar e sair cedo rumo ao Aeroporto Ezeiza do outro lado da cidade de onde vai sair nosso voo para El Calafate. E assim foi o primeiro dia da viagem. Boa Noite!

2ª Dia 16/03 – Rumo a El Calafate

Acordamos bem cedo, eram 04h30min da madrugada, havia muitas pessoas tomando cerveja e conversando na rua abaixo do nosso quarto, achamos aquilo muito estranho, mas tudo bem. Na noite anterior, pedimos ao recepcionista que chamasse um táxi para nós, algum com preço mais acessível, pois o taxista que nos trouxe do aeroparque queria 450 pesos para nos levar até o Ezeiza. Estava à nossa espera lá embaixo na portaria do Hostel, um simpático cidadão Argentino chamado Sr. Hugo, muito gente boa. Conversamos o tempo todo até a chegada ao nosso destino, falamos sobre vários assuntos, mas o principal foi o futebol, assim ele comentou que gostava muito do Ronaldinho Gaúcho. Sr. Hugo nos cobrou 180 pesos pelo transporte, metade do valor que o outro taxista queria cobrar. Chegamos ao aeroporto e fomos logo tomar um café, pois saímos em completo jejum da nossa hospedagem.

O voo 1892 da Aerolíneas também foi pontual, decolamos às 06h55min de Buenos Aires rumo à El Calafate, uma viagem tranquila, mas longa, são quase 4 horas de voo descendo ao sul. Ao chegar a Calafate o tempo estava fechado, nublado, sem sol, mas já foi possível apreciar a grandiosidade e a beleza do maior lago da Argentina, o lago Argentino de águas azuis e geladas. A temperatura na chegada era de 7 graus (frio) e já fomos logo tirando os casacos das mochilas.

Após desembarcar, pegamos nossas mochilas e fomos à procura de transporte até a Cidade de Calafate, a ideia era tentar seguir no mesmo dia para Puerto Natales no Chile, para passar a noite e nos prepararmos para a aventura em Torres Del Paine, mal sabíamos que a tarde seria muito melhor e diferente disso. Nosso transporte foi uma Van que faz o traslado do Aeroporto até a cidade, e pedimos para que nos deixasse próximo ao terminal de ônibus. Ao chegar ao terminal procuramos informações sobre transporte para Puerto Natales, se possível, para ir naquela tarde mesmo, porém, não foi possível, os ônibus que partem para Natales apenas na parte da manhã e bem cedo, assim, mudamos nossa programação.

Havia vários horários e preços em várias empresas, em algumas o atendimento era péssimo, no entanto, foi na Taqsa Marga que encontramos o melhor atendimento e o melhor preço para o momento. Dadas às circunstâncias, só conseguiríamos seguir para Puerto Natales no próximo dia pela manhã, assim tratamos de alterar nossa logística e pensar em atividades para fazer na parte da tarde e procurar um lugar para passar a noite. Não lembro que nos comentou sobre uma agência chamada “Always Glaciers” de

Calafate, dizendo que tinham bons pacotes e excelente transporte, então, fomos procurar a tal agência. Não foi difícil encontrar, considerando que a cidade é relativamente pequena.

Com a empresa Taqsa Marga Compramos um pacote para visitar o Glaciar Perito Moreno na parte da tarde. Com a empresa Always compramos as nossas passagens para Torres Del Paine. Compramos também na Always um passeio turístico pela parte frontal do maciço, mas não tínhamos noção de como seria e do que viria pela frente (primeira sorte grande da viagem).

Também na agência Always nos indicaram o Hostel Calafate como um lugar bom e barato para nos hospedarmos na cidade, assim, pedimos informações da localização e fomos até lá para conferir. De fato, o Hostel era muito bom, limpo, organizado e confortável, porém, muito quente, a calefação no piso fazia com que a temperatura



Figura 6: Almoço em Calafate.



Figura 7: Glaciar Perito Moreno.

tamanho, ver aquele mar de gelo de perto, ao vivo e a cores foi algo sensacional, sem contar que o tempo estava perfeito, céu azul, sol e calor. Optamos também por fazer um passeio de barco que passa bem perto do Glaciar, uma visão sem dúvida fascinante.

no quarto passasse dos 30 graus. Nosso almoço do domingo foi um belo sanduíche de bife milanesa com alface e tomate, estava muito bom. Em seguida ficamos esperando para chegar hora de embarcar para o passeio no Glaciar Perito Moreno.

A expectativa para o passeio no Glaciar era grande, as fotos que se via pela internet não passam a real noção de



Figura 8: Paredões de gelo de 70 metros – Perito Moreno.

Chegamos muito próximo aos imensos blocos de gelo de coloração azul sem igual, conseguimos ver também uma séria única de rompimentos de grandes pedaços do Glaciar caindo no lago e formando grandes ondas. Os gigantes pedaços de gelo boiando no lago bem perto do barco também foram outra experiência muito interessante, até então o máximo que havia visto ao vivo parecido com isso eram algumas garrafas plásticas congeladas. Após o passeio de barco caminhamos por uma belíssima plataforma e mirantes construídos em frente ao glaciar que permitem visualizá-lo dos mais variados ângulos.

Sem dúvida o passeio no Glaciar Perito Moreno fez a nossa senda de aventuras iniciar com chave de ouro, tiramos centenas de fotos neste dia e retornamos para Calafate no final da tarde. Fizemos mais uma parada na estrada para tirar algumas fotos do por do sol, que foi sensacional neste dia.



Figura 9: Cordeiro Patagônico.

À noite, já no conforto do Hostel Calafate, partimos para o nosso último jantar com mesas e cadeiras, pois já no próximo dia, começaria nossa saga de refeições em acampamentos. Ouvimos vários comentários sobre o “Cordeiro Patagônico”, um prato típico muito comentado e famoso na cidade. Então, fomos procurar um restaurante para conferir a apreciar a iguaria. A foto acima apresenta o

processo de preparação do “Cordeiro Patagônico”, imagem de encher os olhos e dar água na boca.

Combinamos Paulo e eu de não postar a foto do nosso prato neste jantar, pois não queremos ser responsáveis pela “invasão” dos Brasileiros em Calafate à procura do “Cordeiro Patagônico”. Barriga cheia de tanta fartura gastronômica, vamos dormir e descansar que amanhã sairemos cedo outra vez.

3º Dia 17/03 – Torres Del Paine, aí vamos nós!

Acordamos às 5 da manhã no quarto do Hostel Calafate que mais parecia o deserto do Saara de tão quente que estava devido à calefação no piso, o Paulo registrou 33 graus. Deixamos tudo pronto na noite anterior antes de ir para o berço. Para nossa sorte havia um pequeno desjejum servido no hostel antes da nossa partida. O ônibus da agência Always passou pontualmente às 05h30min para nos apanhar. Voucher na mão, tudo certo, embarcamos rumo às Torres Del Paine. Uma viagem que dura cerca de 5 horas com apenas uma parada num posto para esticar as pernas e comprar alguma guloseima. O caminho até a fronteira com o Chile é muito bonito, estradas com retas intermináveis e como o tempo estava bom, já conseguimos avistar no horizonte aquilo que seria nosso quintal pelos próximos seis dias, Torres Del Paine visto de longe já se mostrava espetacular. Para chegar ao Chile é necessário passar pela aduana Argentina de Rio Turbio e depois fazer um novo “*permiso*” (visto para entrada no país) na Aduana Chilena de Cerro Castillo. É proibida a entrada no país com carnes e frutas frescas, não tem jeito, toda bagagem é verificada e eles revistam mesmo.



Figura 10: Aduana de Cerro Castillo - Chile.

Em seguida, recebemos orientações de um guia local que falava em inglês e espanhol ao mesmo tempo, pouco se entendia, mas o cara era gente boa. Fomos orientados a ir num café logo à frente para cambiar reais ou dólares por moeda Chilena e nos falou sobre os valores que deviam ser pagos para entrar no Parque Nacional de Torres Del Paine. Após fazer os procedimentos indicados, pegamos nossa bagagem e passamos para um micro ônibus juntamente com outros turistas de diversas partes do mundo, recebemos um pequeno lanche com um sanduíche, barras de cereal e uma água mineral, este foi nosso almoço naquele dia.

Antes de chegar ao Parque Nacional, fizemos duas paradas para fotos, e, diga-se de passagem, duas paradas sensacionais, a primeira nas margens do Lago Sarmiento que apresenta uma visão frontal do maciço Paine simplesmente espetacular ao fundo das águas azuis do lago. Uma visão incrível!



Figura 11: Laguna Amarga.

A segunda parada foi na Laguna Amarga, outro lago com o maciço Paine ao fundo, porém este com águas numa coloração verde sem igual. Aqui tiramos algumas fotos como esta que aparece ao lado e já sentimos uma pequena amostra do vento patagônico. Este pacote que compramos da Always foi a nossa sorte grande, se não tivéssemos optado por esta programação não teríamos tido a sensacional visão frontal do maciço Paine, pois tanto fazendo o circuito “W” quanto o “O” a gente caminha pela base das montanhas e não é possível ter a visão do ângulo que tivemos no Lago Pehoé ou da Cachoeira Salto Grande, por exemplo. Neste passeio pré-caminhada percorremos de micro toda parte frontal do maciço e como o tempo estava muito bom, conseguimos tirar muitas fotos de locais como Los Cuernos, Paine Grande, Lago Nordenskjold, Salto Grande e Lago Pehoé.

Nosso passeio da sorte terminou por volta das 16 horas, na portaria do parque e como ainda era cedo resolvemos iniciar nossa



Figura 12: Maciço Paine vista do Lago Pehoé.

caminhada ali mesmo, foram 7 km de estrada até o Refúgio Central e acampamento Camping Torres, na verdade, nossa ideia era ir até o acampamento Chileno, porém, fomos informados que seriam mais 2 horas de caminhada até lá e como a noite estava próxima optamos pela prudência e não arriscamos. Pagamos 6 mil pesos chilenos para acampar no Acampamento Camping Torres e fomos ao refúgio central encontrar alguma tomada para recarregar as baterias da máquina fotográfica.

Começam os preparativos para o nosso primeiro jantar no acampamento. Percebi que havia esquecido meus talhares e os travesseiros infláveis. Após ferver a água no fogareiro – o desastre –, deixei cair na grama quase meia panela de massa, uma cena muito engraçada, o Paulo ria muito. Como o tempo estava bom combinamos de acordar às 4 da madrugada para fazer o “ataque” às Torres, assim, após comer a outra metade da massa que sobrou fomos para a barraca descansar.

4º Dia 18/03 – Mirador de Las Torres

Após uma noite muito fria no acampamento, acordamos cedo e saímos em torno das 5 horas da madrugada, muito escuro ainda, tivemos que sair com as lanternas rumo ao Mirador de Las Torres, era uma noite iluminada com a lua cheia e nenhuma nuvem no céu, o visual já dava sinais que seria espetacular. Não conhecíamos o trajeto, mas o mapa baixado da Internet e visualizado através do GPS nos dava a referência do trajeto correto, assim, iniciamos a caminhada. Um trajeto de 9,5 km (ida) com muita subida, pedras, trilhas e bosques espetaculares, o sol começou a aparecer quando estávamos chegando ao Acampamento Chileno, ainda ali percebemos que acertamos em cheio ontem quando resolvemos acampar lá embaixo, foi melhor subir apenas com a mochila de ataque ao invés de carregar todo equipamento até lá. Nosso objetivo era ver os primeiros raios de



Figura 13: Mirador Las Torres.

sol já no mirador Las Torres, porém, para isso teríamos que ter saído do acampamento cerca de 1 hora antes. Subimos todos os 9,5 km em 2,5 horas, uma subida rápida e desgastante, mas que valeu todo esforço que fizemos.

O visual do Mirador de Las Torres foi simplesmente sensacional, algo inesquecível, impar e único, pegamos o sol já batendo no lago que fica na base

das torres, tiramos um monte de fotos neste lugar, mas também, não poderia ser diferente disso. Aqui aconteceu algo quase inacreditável. Na euforia de fotografar, subir e descer pelas pedras, acabei esquecendo uma das partes da bolsa da câmera fotográfica aberta, e numa das descidas acabei perdendo duas baterias. Uma tragédia considerando que estava tudo programado e racionado dia a dia, mas não nos desesperamos e logo iniciamos à “caça as baterias” com a certeza de que iríamos encontrar e assim foi, elas estavam lá no alto da trilha do mirador, uma ao lado da outra, um verdadeiro milagre considerando o número de pedras existentes e a dificuldade do terreno, essa foi a nossa segunda sorte grande na aventura. Satisfeitos pelo espetacular visual das torres que presenciamos, pelas nossas fotos e por ter encontrado as baterias, iniciamos a descida com o objetivo de chegar de volta ao acampamento antes do meio dia e depois partir rumo ao acampamento Serón.

O almoço neste dia foi pão com atum e uma “papinha” de aveia com água que improvisei. Em seguida recolhemos nosso acampamento. Enquanto estávamos desmontando e organizando os apetrechos, parou uma moça e perguntou qual era o caminho para chegar até o Serón, comentamos que estávamos indo para o mesmo lugar



Figura 14: Acampamento Camping Torres.

e a convidamos para vir conosco. Era a nossa amiga da Argentina, Augustina Morro, que nos acompanhou nos próximos três dias de Aventuras pelo maciço Paine. As placas indicavam o Serón a 12 km e um desnível de 300 metros. A caminhada neste trecho foi bastante cansativa aliado ao visual sem muitos atrativos e ao tempo que estava começando a nublar. Já havíamos passados dos 12 km e nem sinal do acampamento, isso aconteceu em outros trechos também, a indicação das placas não fechava com a marcação realizada pelo GPS, assim, chegamos ao nosso objetivo na marca dos 14 km, totalizando 33 km de caminhada neste dia. Chegamos exaustos, e já fomos procurar um lugar plano e seco para armar nosso acampamento pela segunda vez. Havia muitos mosquitos no local, quase não dava para conversar por causa deles. Tirei algumas fotos dos Caracarás que vinham pegar comida e de uma Lebre muito tranquila que se alimentava no gramado.

O acampamento Serón é o mais desprovido de estrutura, porém, no local foi possível tomar um banho quente e usar os banheiros novos e limpos por 4 mil pesos chilenos. O jantar desta noite foi dois pacotes de massa, feitos dentro da barraca mesmo, pois não dava pra aguentar os mosquitos. Encontramos um casal de Brasileiros de Salvador e conversamos um pouco com eles, depois combinamos de sair cedo no próximo dia com objetivo de passar pelo Acampamento Dickson ao meio dia e chegar até o Acampamento Los Perros no fim da tarde, assim faríamos mais 31 km de caminhada e precisávamos descansar para recuperar as energias.

5º Dia 19/03 – Travessia Serón, Dickson, Los Perros.

Acordamos de madrugada com uma ventania assustadora, fortes rajadas de vento fazendo muito barulho na vegetação e nas nossas barracas. Acordamos rápido pensando ser uma tempestade, mas o céu estava claro e limpo. Eram quase 6 horas da manhã e já que despertamos, aproveitamos para recolher o acampamento e partir, ainda escuro. Tomamos um café rápido que nossa amiga da Argentina nos ofereceu e comemos pão puro que compramos em Calafate. Esperamos mais alguns minutos para ter a certeza que não era uma tempestade e iniciamos a jornada de 31 km deste dia. Não podíamos sequer imaginar as rajadas de vento que teríamos que enfrentar alguns quilômetros



Figura 15: Trilha do Lago Paine – Passo do Vento.
para lá que estávamos indo.

adiante. Caminhamos cerca de 5 km até uma subida muito íngreme chegando ao final do Lago Paine, o vento era muito forte, mal conseguíamos nos manter de pé, até fotografar era muito difícil porque junto com o vento vinha uma chuva fina e gelada. A nossa frente nuvens negras cobriam as montanhas e uma longa “mancha” branca de chuva crescia cada vez mais, e era exatamente

O dia anterior já havia sido fisicamente muito desgastante, as massas de preparo rápido eatum não contêm todos nutrientes necessários para repor tamanho esforço despendido, o resultado não podia ser diferente, chegando ao acampamento Dickson à fome era tanta que meu estômago parecia querer “pronunciar algumas palavras”, então, aproveitei a oportunidade para saber se estavam servindo almoço naquele local, a resposta tirou um grande sorriso de alívio do meu rosto. Estavam servindo um prato chamado “*poroto*” (feijão branco, massa, pedaços de salsicha, moranga, legumes e temperos) e o valor da refeição era \$ 17,00 (dólares). Não tive a menor dúvida, exclamei: Manda um Poroto pra cá! E pra melhorar ainda mais o almoço “*muy rico*” no Dickson serviram um “postre” (sobremesa) com algumas frutas que foi um verdadeiro espetáculo.



Figura 16: Almoço no acampamento Dickson.

Bueno! Muito bem alimentado, apetrechos alinhados, é hora de partir para mais 12 km de caminhada até o acampamento Los Perros, o trajeto que estava por vir seria um dos mais belos do circuito “O”. A trilha serpenteava por belíssimos bosques e vales que só não apreciamos mais e não tiramos mais fotos por causa do vento e da chuva forte, no entanto, aproveitamos muito bem a passagem pelo local que guardava, em minha opinião, as melhores trilhas da aventura. Ao chegar numa ponte indicando o acampamento Los Perros uma hora à frente, o cansaço já começava dar sinais da sua presença, desconforto para carregar a mochila, dor nos pés, tudo molhado e úmido, mas tudo isso foi esquecido quando avistamos o glaciário Los Perros, uma visão fantástica do paredão de gelo azul à nossa frente, nesse momento já não chovia mais, mas o frio estava aumentando, assim, pelo menos, conseguimos tirar algumas fotos e curtir um pouco o lugar.



Figura 17: Lago e Glaciário Los Perros.

Após sair da trilha no bosque, passamos por pequeno trecho formado por pedras onde a trilha não se mostrava muito clara, porém, seguimos por algumas marcações na cor vermelha nas pedras e algumas fitas amarradas em alguns galhos, e iniciamos aquele que seria a última subida rumo ao vendaval que havia antes da chegada ao acampamento Los Perros.

Ao final da subida, nos deparamos de frente com o Lago e o Glaciário Los Perros, uma linda visão e um local para parar e apreciar, porém, o vento ali chegava tirar o equilíbrio do vivente, aí tiramos uma ou duas fotos e seguimos em diante. Novamente a trilha não estava clara para nós, no entanto, logo à frente encontramos um “guarda-parques” dizendo que o acampamento estava a menos de 5 minutos. Pronto, chegamos a Los Perros, mas o frio nas mãos era tanto que não consegui assinar o livro registro do acampamento. Montamos logo o acampamento e tratamos de colocar roupas quentes, em seguida preparamos nosso jantar, a polenta que o Paulo levou com um salame comprado ali mesmo. Aproveitamos o gerador de energia do acampamento para recarregar as baterias. Hora de lembrar-se de algumas pessoas especiais que estavam nos meus pensamentos. Fomos dormir cedo novamente, pois o dia foi desgastante. Mal podíamos imaginar a surpresa que viria na madrugada que estava pela frente.

6º Dia 20/03 – A neve e o “Paso Cerrado”

Uma madrugada gelada. Lembro que foi preciso colocar uma camada de roupas a mais mesmo estando dentro do saco de dormir que é apropriado para temperaturas negativas. À noite a sensação era de que estavam jogando grãos de areia sobre as nossas barracas. Acordei em torno das 7 horas com a exclamação do Paulo: - Cris venha ver a



Figura 18: Neve no acampamento Los Perros.

Neve! Quando abri a barraca veio à visão sensacional, estava tudo coberto de branco. Levantei rápido e logo sai fazendo várias fotos da neve, pois eu nunca tinha visto tal fenômeno da natureza ao vivo e a cores. Lembrei e escrevi o nome de algumas pessoas especiais na camada branca no solo. O ar estava muito gelado, era difícil até ligar à câmera, mesmo assim, tirei mais algumas fotos e fomos para o galpão tomar o nosso café da manhã.

Após a euforia de ver a neve e da beleza do visual coberto de branco, veio à preocupação com o nosso próximo trajeto, o Paso John Gardner, o ponto mais alto e mais difícil do Circuito “O” do maciço Paine, uma subida que chega a 1.200 metros de altitude e ligando o acampamento Los Perros à belíssima visão do Glaciar Grey. Neste dia estávamos em 15 pessoas de várias partes do mundo no acampamento e todos com o mesmo desejo, cruzar o Paso. Assim, iniciamos às “negociações” com o Guarda Parques Daniel, que coordenava as operações em Los Perros. Daniel se comunicou por rádio com o acampamento Paso e concluíram que se subíssemos todos juntos seria possível liberar a nossa partida, assim, logo todos começaram preparar suas coisas para subir. Ao conversar com o Guarda Parques Daniel, comentei estar portando um GPS com um trajeto que baixei da internet, trajeto este que me fez pagar o maior “mico” da viagem. Até Los Perros o trajeto marcado pelo GPS comparado aquele que percorremos estava fechando passo a passo, seguíamos marcando a linha amarela (trajeto atual) sobre a linha verde (trajeto gravado no GPS) com perfeição, no entanto, após o acampamento Los Perros foi aberto um novo caminho subindo pela margem esquerda do Rio Perros e o trajeto que gravei no meu GPS era antigo e seguia pela direita do Rio. Resumindo a história, iniciamos e pernada e tomei a frente do grupo para fazer a navegação, no entanto, estava muito difícil de ver a trilha coberta de neve e, além disso, o trajeto

marcado no GPS indicava outro caminho, assim todo mundo fez aquela cara de “esse Brasileiro não sabe usar GPS”, e todos seguiram pela trilha marcada pelas estacas na cor vermelha fixadas em alguns pontos da trilha. Fiquei decepcionado comigo mesmo, se ao menos tivesse testado parte do trajeto no dia anterior teria percebido e talvez perguntado sobre este novo caminho que havia sido criado há pouco tempo. Bueno, lição aprendida.

Saímos em torno das 10h00min e seguimos todos juntos pela trilha, mas o grupo era lento, e à medida que subíamos a neve e as dificuldades só aumentavam, percorremos cerca de 2,5 km até a saída do primeiro bosque, na subida pelas pedras cobertas de muita neve encontramos um outro guia que havia passado pelo Passo naquele dia, o Rodrigo. Naquele momento o vento era muito forte seguido de uma forte nevasca, eles chamam isso de “Vento Blanco”, uma intempérie muito difícil de enfrentar e



Figura 19: Nevasca e tempo fechado rumo ao Passo.

muito perigosa, assim, Rodrigo conversou novamente com Daniel pelo rádio e nos obrigou a retornar, pois não havia condições de liberar nossa passagem pelo Paso. Todos ficaram muito chateados com a notícia, mas não havia nada a ser feito, a não ser voltar ao acampamento e esperar. Naquele momento aconteceu um fato muito engraçado, um rapaz integrante do grupo chamado Daniel Vergara do Chile exclamou sorrindo: - “No hay problema, vamos por Mória!” (referindo ao filme “O Senhor dos Anéis”, Parte I onde os integrantes da expedição são obrigados a tomar outro caminho devido a uma forte nevasca). Apesar da frustração por termos que voltar, rimos muito com a situação lembrada por Daniel.

Almoçamos ao chegar ao acampamento e percebemos que a maior parte do grupo de 15 pessoas resolveu retornar ao acampamento Dickson, isso significava refazer todo trajeto de volta. Conversamos Paulo e eu, e decidimos ficar, apostando na melhora do tempo e na possibilidade de cruzar o Passo no outro dia. As roupas estavam molhadas e úmidas, então o Alexandre, dono do bar do acampamento nos ofereceu seu fogão à lenha para nos aquecer e nos secar durante a tarde, foi a nossa salvação, passamos umas três horas em frente ao fogo conversando e secando tudo. Neste dia não acampamos, dormimos dentro do barracão, no chão, junto com outros aventureiros que chegaram. Fomos dormir cedo e estávamos ansiosos pela melhora do tempo no próximo dia.

7º Dia 21/03 – Pensamento positivo para “O Paso”

A noite foi longa e fria, pois dormimos cedo pensando na expectativa de como seria o próximo dia. Dormimos todos juntos no chão do barracão, pois não havia a menor possibilidade de montar as barracas em meio a tanta umidade e neve, assim, cada um escolheu um canto e ali acomodou seu isolante e seu saco de dormir. Acordamos cedo, neste dia nosso café da manhã foi chá com algumas bolachas recheadas compradas ali mesmo, um casal formado por uma Argentina e um Italiano dividiram alguns biscoitos com



Figura 20: Equipe que realizou a travessia do Paso.

a gente. Eis que durante nosso café surge na porta a figura do Guarda Parque Daniel com a feliz notícia que o tempo havia melhorado bastante e que ele nos acompanharia até o ponto mais alto do Paso, lá outro Guarda Parques do Acampamento Paso iria nos encontrar e nos conduzir pela descida do outro lado da montanha. Nessa hora percebemos que valeu a pena apostar e esperar,

apesar todos os prognósticos indicarem que o tempo ficaria como estava ontem por no mínimo quatro dias, porém, contamos com a nossa tradicional sorte com o tempo, foi à terceira sorte grande da viagem. (Veríamos os outros que retornaram três dias depois).

Estávamos em 9 pessoas no barracão, no entanto, um casal de Brasileiros já tinha decidido na noite anterior que não fariam a travessia do Paso, assim, restaram apenas os 7 da foto acima (da esquerda para a direita, Eu, amigo da Itália, Paulo, namorada do Italiano, nossa Amiga Augustina, o Chileno Carlos, outro Amigo do Chile e o Guarda Parques Daniel). Partimos em torno de 8 horas rumo ao esperado Paso John Gardner (o local recebeu este nome em homenagem ao seu descobridor). Iniciamos pela mesma trilha percorrida parcialmente ontem, quando chegamos aos mesmos 2,5 km de onde tivemos que retornar no dia anterior e vimos que o tempo estava aberto e seco, tivemos a certeza que a travessia do Paso logo seria mais uma etapa realizada do percurso Paine.

Um dos trechos mais duros e difíceis da travessia, o terreno formado por muitas pedras, neve e uma subida muito íngreme e quase interminável estavam sempre a nossa frente, sem falar nas rajadas de vento gelado e constante que nos tiravam o equilíbrio. A paisagem de qualquer lado era exuberante, montanhas e muito gelo, passamos ao lado

do Glaciar Amstad e o visual que ficava pra trás era um verdadeiro espetáculo. Num dos pontos da subida gravei até um pequeno vídeo mostrando o vento e a sensação de estar lá e imaginei estar ali novamente com a turma das Indiadas. Em alguns pontos havia uma camada de gelo nas pedras que deixava a trilha muito perigosa e escorregadia, em outros havia neve acumulada que chegava quase até os joelhos, no entanto, seguimos firmes até os 1.200 metros de altitude e os poucos mais de 50 metros de largura da passagem para o outro lado da montanha.



Figura 21: Subida para o Paso.

Chegamos ao Topo! O vento era o mais forte já experimentado até então, rajadas fortes e constantes não nos deixavam nem respirar direito, porém, mais alguns passos à frente e o visual do Glaciar Grey nos fez esquecer por alguns momentos do vento gelado e do frio que passamos naquele lugar. As mãos congelavam, não conseguíamos manter os olhos abertos, o nariz mais parecia uma cachoeira e os lábios roxos e secos.

Conquistado o Paso, nosso objetivo do dia era chegar ao Acampamento Grey, que ficava 7 km adiante do Acampamento Paso que por sua vez ainda estava a 5 km do local onde estávamos. Assim, iniciamos nossa descida, uma trilha difícil com muitos degraus e que estava ainda em pior estado devido à chuva e umidade do dia anterior. Chegamos ao Acampamento Paso eram 14h30min, almoçamos rapidamente mais uma dose de Massa rápida e partimos para o Acampamento Grey. A trilha até o Grey foi sensacional, embora com tempo nublado e bastante vento, conseguimos ter belíssimos visuais do Lago e do Glaciar Grey. O percurso era um misto de trilhas na mata, trilhas pelos paredões de pedra e muitas fendas escavadas por deslizamentos e rios, sempre com escadas de ferro e pontes para realização da travessia. Todas às placas indicavam o acampamento Grey a 10 km, porém, pelo GPS a marcação foi de apenas 7 km. Melhor pra nós.

Chegando ao Acampamento Grey, logo fomos procurando lugar para acampar e depois aproveitamos para tomar um banho quente e nos dar o luxo de jantar no conforto do Refúgio, pagamos 22 dólares por pessoa por um jantar com sopa (entrada), arroz e uma carne (prato principal) e sobremesa. Depois de um ótimo jantar e do dia cansativo e intenso fomos dormir debaixo da forte ventania que assolava o acampamento Grey.

8º Dia 22/03 – Caminhando com tempo fechado

Hoje completamos uma semana de aventuras na Patagônia, até agora a viagem está sendo melhor do que o esperado, tudo dentro daquilo que planejamos e ainda contamos vários momentos de pura sorte. Mal sabíamos que o dia que estava pela frente traria dificuldades ainda maiores do que aquelas já superadas. Acordamos cedo novamente e logo fomos até o alojamento Grey tomar nosso café, ao pegar os alimentos



Figura 23: Local para alimentação, Refúgio Grey.

e apetrechos percebi que os ratos haviam feito a maior farrã no meu pacote de aveia, não teve jeito, tive que jogar tudo fora. Ainda bem que o restante dos alimentos deixamos pendurados nas árvores a salvo dos roedores. Antes da partida tomamos outra vez chá com bolacha recheada. O Dia amanheceu chuvoso e com muito vento, assim, a perna deste dia começou debaixo de chuva mesmo. O trajeto do acampamento Grey até o acampamento Paine Grande, que seria nosso próximo destino, era um dos mais belos do maciço Paine, a caminhada é feita percorrendo trilhas na base das montanhas e nas margens do Lago Grey, porém, o mau tempo e os fortes ventos nos impediram de curtir mais esta parte da aventura, foram 11 km de caminhada do Refúgio Grey até Paine Grande. O tempo estava com condições tão adversas que consegui tirar apenas três fotos desta parte do trajeto. Ainda que para nossa sorte, estávamos caminhando a favor do vento, ou seja, toda ventania aliada à chuva gelada e fina vinda do Glaciar batia em nossas costas e de certa forma, em alguns momentos, acelerava nossos passos com as fortes rajadas de vento.

Figura 22: Mau tempo no trajeto Grey - Paine Grande.



Figura 22: Mau tempo no trajeto Grey - Paine Grande.

Chegamos ao acampamento Paine Grande pouco antes do meio dia, ainda caía uma chuva fina e ventava muito, nessas alturas a fome já dava sinais que estava ali outra vez. Pra variar um pouco o cardápio, comemos Massa novamente, eu já estava ficando na cor “amarela” de tanto comer Massa, mas, era o que tínhamos para o momento, então,

vamos ao almoço. Este era o dia da despedida da nossa Amiga da Argentina, ali em Paine Grande ela completava o Circuito “O” de Torres Del Paine que havia iniciado três dias antes de nós. Após o almoço nos despedimos, tiramos uma foto juntos e seguimos rumo ao acampamento Italiano, nosso objetivo final do dia.

Ao sair para caminhada, como de costume, liguei o GPS para marcar o trajeto e acompanhar nossa quilometragem, porém, a surpresa, o aparelho não queria mais funcionar, ligava e ficava “travado” na tela inicial. Tentei uma, duas, oito vezes e nada de funcionar, então, partimos para a perna pela primeira vez sem marcar o percurso no GPS. Eram mais 5 km até o acampamento Italiano e já tínhamos ouvido comentários que o local não era muito bom para acampar, poucos lugares planos e muita umidade, porém, é pra lá que nós vamos. Já nos primeiros 2 km de trilha, o vento agora lateral, era muito forte, tão forte que chegava a nos jogar para fora da trilha. Após 2 km o GPS funcionou.



Figura 24: Tempo fechado no acampamento Italiano.

Andamos pela trilha junto com um camarada do Canadá que conhecemos no Refúgio Grey, um homem de aproximadamente 50 anos de idade que estava fazendo o percurso Paine sozinho. O vento continuava a nos castigar e uma forte rajada arrancou a capa de chuva da minha mochila e levou pra longe, ouvi um barulho estranho, mas não percebi, foi quando nosso amigo do Canadá correu até nós e nos avisou do ocorrido, imediatamente larguei a mochila na trilha e fui tentar o resgate da capa voadora, por sorte, ela estava presa aos arbustos a uns 150 do local onde estávamos. Tudo ajustado novamente, seguimos pela trilha, o vento não dava trégua, ao chegar próximo às margens do lago, o vento levantava pequenas nuvens de água e jogava contra nós, ao olhar na direção do acampamento Italiano nas montanhas a visão era ainda mais assustadora. A chuva aumentava e o vento também, a trilha estava totalmente encharcada, um verdadeiro caos, mas sabíamos que o acampamento estava próximo. Este foi sem dúvida o nosso pior dia da aventura, chegamos ao acampamento molhados, tudo ao redor estava molhado e montamos nosso acampamento debaixo de chuva. Importante lembrar que após a tempestade o sol sempre volta a brilhar. Jantamos cada um na sua barraca e fomos dormir cedo, molhados e na esperança que amanhã o tempo esteja melhor.

9º Dia 23/03 – Mirador Francês e Britânico, um espetáculo.

Eram 3 ou 4 horas da madrugada, muito vento lá fora, acordei ouvindo um barulho que parecia de macacos passando pelas árvores do acampamento, seja lá o que for, dormi novamente. Pouco antes das 6 da manhã escuto o Paulo dizendo: - Cris, o tempo melhorou e o céu está aberto. Assim, saímos bem cedo das nossas barracas, ainda ventava muito, mas a chuva havia parado, improvisamos um varal nas árvores para secar as roupas molhadas e a ideia deu certo.

Enquanto tomamos nosso último café em Torres Del Paine, tudo secou e nosso ânimo para subir aos miradores Francês e Britânico estava renovados, ficamos faceiros que iríamos conseguir completar o Circuito “O” de Torres Del Paine com o último dia de tempo bom e sol, e assim foi. Deixamos as barracas armadas no acampamento para secar até a nossa volta e subimos para os miradores apenas com mochila de ataque, água e um lanche. O trajeto era uma subida forte adentrando as montanhas do maciço Paine. Logo na saída do acampamento o visual já se mostrava espetacular, chegamos logo ao Mirador Francês, o primeiro ponto alto no meio do vale com uma visão incrível dos Picos do maciço Paine (foto panorâmica abaixo).



Figura 25: Visual da saída do bosque do Mirante Francês.



Figura 26: Visual do Mirador Britânico.

Após o Mirador Francês continuamos nossa subida rumo ao Mirador Britânico, mais 2,5 km de subida em meio a belos bosques e trilhas com muitas pedras. O visual do próximo mirador também era deslumbrante, o vento era forte e gelado, tiramos algumas fotos e logo depois descemos de volta ao acampamento Italiano já pensando que naquele dia completariamos nossa

aventura completando o Circuito “O” em Torres Del Paine na Patagônia Chilena.

Já de volta ao acampamento Italiano, recolhemos nossos apetrechos, fizemos nossa última refeição em Paine e partimos para caminhar 5 km até o acampamento Los Cuernos e logo em seguida mais 11 km até o Refúgio Central, local onde iniciamos nossa aventura 6 dias atrás. A trilha da tarde foi feita em grande parte, costeando o Lago Nordenskjold, um lago de águas verdes e geladas provenientes do degelo das montanhas.



Figura 27: Lago Nordenskjold.

O trajeto até Los Cuernos foi tranquilo, poucas subidas e um visual sensacional do lago sempre à nossa direita, além disso, combinamos de caminhar rápido para chegar ao refúgio central antes de 19 horas para dar tempo de pegar o ônibus para Puerto Natales. Em pouco mais de 1 hora chegamos a Los Cuernos, um local requintado com restaurante e cabanas para aqueles que gostam de uma aventura, mas não abrem mão do conforto.

Nossos últimos 11 km foram cansativos, o peso da mochila já começava incomodar e esta última parte do percurso tinha muitas subidas e descidas, mas, seguimos em frente firmes e com objetivo fixo em chegar no horário que definimos. E assim foi, chegamos ao Refúgio Central às 18h30min, depois de 28 km de caminhada percorridos no dia, tiramos uma foto para marcar o fim da aventura e tratamos logo de procurar uma condução para nos levar até a entrada do parque. Conversamos com alguns condutores e acabamos encontrando outra Van que ia direto até Puerto Natales, obviamente que o valor era um pouco mais elevado do que o ônibus, porém, a viagem seria bem mais rápida, assim, pagamos 7.500 pesos cada um pela passagem e seguimos para o nosso próximo destino.

Chegando a Puerto Natales o condutor da Van nos levou até uma agência de viagens para comprarmos nossas passagens de ônibus até Calafate no próximo dia, em seguida nos indicou um ótimo Hostel – El Mirador – localizado bem atrás da estação rodoviária. Um verdadeiro luxo, camas confortáveis, calefação, banho quente, em seguida nos informamos e fomos jantar no restaurante Carlitos, no centro, escolhemos pratos com peixes e tomamos um bom vinho Chileno. Missão Torres Del Paine cumprida, agora é descansar para a viagem até Calafate e para próxima etapa da Aventura em El Chaltén.

10º Dia 24/03 – Rumo à El Chaltén.

Acordamos às 6h30min depois de uma ótima noite de sono, nosso ônibus para Calafate sai às 8 horas, tomamos café no hostel e sobraram alguns minutos pra escrever e enviar um e-mail para única pessoa com quem me comuniquei no Brasil em toda viagem, uma pessoal muito especial. Antes das oito já estávamos prontos para embarcar, compramos água para a viagem e tomamos nossos assentos, em aproximadamente uma



Figura 28: Ônibus na aduana de Cerro Castillo.

hora de viagem já estávamos em Cerro Castillo novamente prontos para deixar o Chile e ingressar novamente na Argentina. Durante a viagem fizemos mais uma parada rápida no mesmo posto de combustíveis que paramos na ida para ao Chile. Em seguida, em torno das 13 horas, chegamos de volta à Calafate.

Fomos direto para a estação rodoviária comprar nossa passagem para El Chaltén, nosso objetivo era chegar lá no mesmo dia, e conseguimos. A partida do ônibus para Chaltén era às 16h30min. Ainda em Calafate fomos procurar um lugar para almoçar, ali aconteceu outro fato muito engraçado, enquanto estávamos sentados aguardando nosso almoço, chegaram ao restaurante dois jovens chineses, estes, certamente por não saberem ler e nem falar o espanhol chamaram o garçom e ficavam apontando com os dedos para os pratos das outras pessoas indicando aquilo que queriam comer, enfim, conseguiriam fazer seu pedido.

Nosso almoço foi um gigantesco bife milanesa e um prato de saladas, em seguida fomos dar uma volta pelas lojas de artesanatos comprar algumas coisas para levar para o Brasil. Compramos camisetas, chaveiros e alguns adesivos. Ao comprar nossa passagem para Chaltén ganhamos um mapa turístico da cidade e logo fomos estudando e pensando em como seria nossa logística após chegar lá.

As 16h30min estávamos na rodoviária prontos para embarcar no ônibus para Chaltén, uma viagem rápida de pouco mais de 2 horas de duração, mesmo assim, deu pra tirar uma bela soneca e descansar um pouco. Acordei em algum trecho da rodovia Ruta 40 às margens do Lago Viedma com o belo visual dos Cerros Fitz Roy e Torre ao fundo.

A rodovia às margens do Lago Viedma sentido Chaltén é uma reta quase interminável, sempre com visual das montanhas ao fundo. Ainda no ônibus vimos no mapa que ganhamos a indicação de dois mirantes bem próximos à cidade, o Mirante dos Condores e o Mirante das Águias. Como já era final da tarde, pensamos em ir ver o por do sol lá de cima de algum destes mirantes, assim, já começaríamos nossa aventura em Chaltén logo na chegada.



Figura 29: Fim de tarde no Cerro Fitz Roy.

Após tirar um monte de fotos e curtir o por do sol em Chaltén, descemos de volta para a cidade e fomos procurar um Hostel para passar a noite. Passamos por vários, alguns lotados, alguns com valor da diária caro demais, assim, acabamos optando pelo Hostel Cerro Torre Cabañas. O lugar era quente e confortável, com diversas cabanas para acomodar os aventureiros.

Logo que desembarcamos no terminal rodoviário, nos dirigimos para o Mirante de Los Condores, uma trilha de 1 km até o alto de uma montanha localizada na entrada da cidade. O visual lá de cima era muito legal, uma visão panorâmica da pequena cidade com o Cerro Fitz Roy e muitas outras montanhas ao fundo, tiramos muitas fotos do por do sol deste dia.

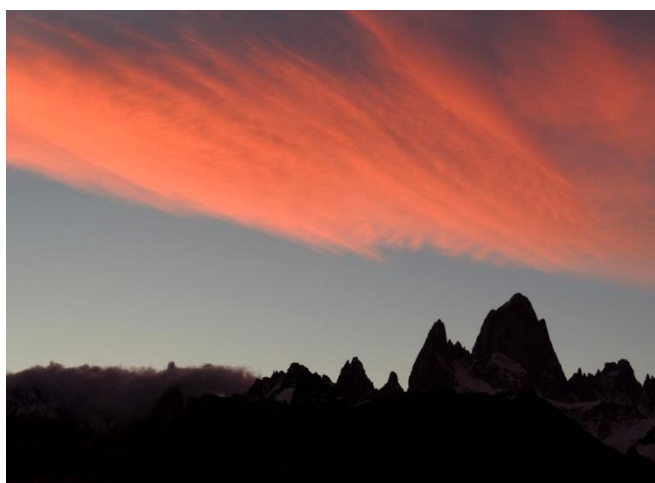


Figura 30: Por do sol no Cerro Fitz Roy.

Tomamos um banho quente, organizamos nossas acomodações e partimos em busca de um mercado para reabastecer nossos suprimentos para os próximos dias. Logo em seguida fomos procurar um restaurante para o nosso primeiro jantar na cidade, encontramos o Ahonikenk, um lugar com várias opções de gastronomia como carnes, massas, pizzas, sopas e atividades no mínimo curiosas, após o jantar eles oferecem aos clientes alguns jogos de lógica com peças para montar e encaixar. Assim foi nossa chegada e nosso primeiro dia na pequena e distinta Chaltén. Retornamos para nossa cabana para dormir cedo e nos preparar para a aventura do próximo dia.

O Trajeto – El Chaltén

Assim como para Torres Del Paine, havíamos feito uma programação para os percursos de El Chaltén. Pensamos em caminhar por três dias pelas trilhas e deixar o último dia livre para qualquer eventualidade ou até mesmo para repetir alguma trilha não percorrida por causa do mau tempo. Em Chaltén as possibilidades de aventura são muitas, caminhadas então, nem se fala, é possível caminhar meses por lá sem repetir nenhuma trilha, no entanto, nossa opção foi pelas seguintes: Laguna de Los Três (trilha até a base do Cerro Fitz Roy), Laguna Torre (trilha até a base do Cerro Torre) e Plieque Tumabo.

Nosso objetivo era percorrer o trajeto até a Laguna de Los Três, passar a noite no acampamento Poincenot e dali seguir direto para a Laguna Torres, fazendo um percurso triangular conforme mostrado no mapa abaixo. Após realizar estes dois trajetos, pretendíamos retornar a Chaltén para passar a noite num Hostel e no outro dia percorrer o Plieque Tumabo. As trilhas em Chaltén são um espetáculo a parte, atravessamos belos bosques e na saída de cada um deles um visual sensacional de montanhas e vales.



Figura 31: Mapa das trilhas de El Chaltén.

11º Dia 25/03 – Sendero a Laguna de Los Três



Figura 32: Amanhecer em El Chaltén.

Para não perder o costume, acordamos cedo novamente e partimos até o Mirante de Los Condores para ver o nascer do sol. A expectativa era grande para ver os primeiros raios de sol do dia batendo no maciço Fitz Roy, no entanto, aquele dia amanheceu bastante nublado e não conseguimos ter a esperada visão, mesmo assim, o amanhecer lá no mirante foi muito bonito e conseguimos fazer várias fotos. O mais legal deste amanhecer foi à visão da pequena Chaltén ainda iluminada e o Cerro Fitz Roy ao fundo. Logo após o amanhecer, descemos de volta para a cidade e fomos tomar nosso café na estação rodoviária. Voltamos para o Hostel, pegamos nossas coisas que já estavam prontas para a partida e seguimos rumo ao primeiro dia completo de aventuras em Chaltén. Para iniciar a trilha até a Laguna de Los Três é necessário atravessar a cidade e assim o fizemos. São 10 km da cidade até o acampamento Poincenot, em seguida mais 2,5 km por uma terrível subida até a Laguna.

Na subida da trilha, em torno das 9 da manhã, encontramos um grupo de Brasileiros do Recife, estavam subindo sem mochilas cargueiras apenas para ir até a laguna e retornar. As trilhas até a Laguna são simplesmente espetaculares, um caminho muito bonito atravessando bosques e mirantes do Cerro Fitz Roy sempre ao fundo. Fiz vários pequenos filmes no trajeto até a Laguna. O dia



Figura 33: Visão do Cerro Fitz Roy da Trilha.

estava espetacular, algumas nuvens no céu, mas não fazia muito frio e o vento estava bastante tranquilo. Chegamos ao acampamento Poincenot em torno das 14 horas, montamos nossas barracas e partimos para a subida até a Laguna de Los Três. O começo da trilha após o acampamento é fácil e plano, mas logo depois começa uma subida interminável com muitas pedras, o tempo todo dava pra ver a nossa frente às pessoas minúsculas como formigas subindo vagarosamente a montanha.

A Laguna de Los Três é um lugar incrível, surreal, inacreditável, um imenso lago formado pelo degelo na base das montanhas, a visão e a sensação que temos ao chegar lá é praticamente indescritível. Ali ficamos por horas, o lugar é grande e merece ser bem explorado, no vale à esquerda vimos também à Laguna Súcía, outro lugar incrível e surpreendente. Em alguns momentos,



Figura 34: Laguna de Los Três.

blocos de gelo se desprendiam do alto das montanhas e caíam vale adentro fazendo um estrondo que mais parecia trovões. Uma pena que durante todo tempo que estávamos neste lugar, nuvens cobriam o topo do Cerro Fitz Roy e não conseguimos fazer uma foto sequer pegando toda montanha.

Fizemos várias fotos pulando sobre algumas pedras no topo da montanha que davam a impressão de estamos pulando num abismo, alguns aventureiros que estavam lá ficavam nos olhando perplexos, eles devem estar pensando: - O que esses loucos estão fazendo? Neste lugar aconteceu outra situação muito engraçada da viagem. Quando estávamos indo embora, chegou um rapaz ofegante pedindo para nós fazermos uma foto dele, prontamente peguei a câmera dele e tentei me colocar pela melhor posição solar para fazer uma boa foto do vivente naquele lugar, porém, à medida que eu descia pelas pedras para me posicionar, ele descia também, e como ele falava apenas inglês eu não conseguia dizer para ele ficar parado ali, até que o Paulo exclamou: - “Stay Here!”, e mais uma palavra do nosso vocabulário que não posso citar aqui. Depois que nos acertamos na comunicação fiz a foto para o Israelense que foi embora feliz. Aí chegou a nossa vez



Figura 35: Acampamento Poincenot.

de nos divertir com o fato, descemos praticamente até o acampamento rindo muito do ocorrido, da forma como ele corria nas pedras para se posicionar pra foto.

Vimos o por do sol deste dia lá debaixo do acampamento, enquanto contemplava bateu aquela saudade de alguém especial a qual escrevi seu nome com pequenas pedras.

12º Dia 26/03 – Fitz Roy visão total e Laguna Torre

Ontem à noite antes de ir pra barraca definimos os objetivos do dia de hoje, chegar até a Laguna Torre, porém, um objetivo estava acima de todos, que era o de fotografar o Fitz Roy com os primeiros raios de sol batendo na montanha, assim, acordei as 4 da madrugada, peguei meus apetrechos e fui novamente, mas, desta vez sozinho, para a terrível subida até Laguna de Los Três, era muito escuro ainda, fiz a trilha usando lanterna e levei uma camisa extra e um casaco, pois sabia que ia transpirar muito durante a subida e que lá encima ia fazer bastante frio. Acertei em cheio. Cheguei a Laguna pouco antes do nascer do sol, uma penumbra ainda pairava no local, mas eu já estava lá, sozinho e pronto para fotografar o cenário.



Figura 36: Amanhecer na Laguna de Los Três.

Fiz uma das fotos mais incríveis de toda viagem, essa ao lado, ainda era escuro, mas a captura da câmera em velocidade baixa gerou esta imagem que para mim, foi uma das melhores. Em seguida me refugiei por entre algumas pedras que havia no local para me abrigar do frio e do vento, e esperei pelo nascer do sol. O visual foi fantástico, poucas nuvens no céu e visual completo das

Montanhas, tirei mais de 50 fotos aqui, de todos os ângulos. Logo em seguida quando o sol já brilhava forte no céu retornei ao acampamento.

Logo na descida já encontrei outros aventureiros que tiveram a mesma ideia, contemplar a local junto com os primeiros raios de sol. Desci rápido, a fome já estava apertando e não queria deixar o amigo Paulo esperando no acampamento por muito tempo. Novamente nosso café foi chá com bolacha recheada e nos preparamos para os próximos objetivos do dia.



Figura 37: Fitz Roy e Laguna de Los Três.

O acampamento Poincenot é um lugar tranquilo onde muitos acampam, e as pessoas que praticam este tipo de atividade são muito civilizadas, assim, não há problemas em deixar seu acampamento e seus pertences naquele local para realizar outros percursos existem ali por perto, e foi exatamente o que fizemos, deixamos tudo ali a fizemos uma caminhada de 5 km (ida e volta) até o Mirante do Glaciar Piedras Blancas, um belo lugar para apreciar e fotografar. Retornamos ao acampamento por volta das 11 horas, recolhemos tudo e partimos rumo a Laguna Torre. O dia estava sensacional, colorido, aberto, ótima temperatura, sol forte, assim, partimos para a caminhada de 10 km até o acampamento Agostini, próximo à Laguna Torre, uma trilha muito bonita passando ao lado das Lagunas Madre e Hija e pouco a pouco ia ficando para trás o visual do Cerro Fitz Roy.

Chegamos ao acampamento Agostini em torno das 14 horas, lá fizemos nosso almoço do dia, ventava muito forte, comemos uma mistura deliciosa de massa, tomate, sardinha e areia que vinha com o vento, fizemos também suco de laranja, depois, deixamos nossas mochilas perto da barraca de um casal de Australianos que o Paulo fez amizade lá no Serón, em Torres Del Paine, e partimos para ver a Laguna Torre que era ali perto. Ali sentimos a força do vento patagônico outra vez, não dava pra ficar em pé, na laguna se formava uma praia com



Figura 38: Laguna Torre.

milhares de pedaços de gelo vindos do Glaciar. Naquele ponto a trilha ia além da laguna, mas como o vento era muito forte e ainda pretendíamos voltar para Chaltén, não havia tempo para seguir adiante, então, voltamos para o acampamento Agostini, tirei mais algumas fotos de uns pássaros que estavam por lá procurando comida e partimos de volta para a cidade.

Após nos divertir muito com a ventania, voltamos para Chaltén, procuramos outros Hostels, mas aqueles que não estavam lotados eram muito caros, assim, optamos novamente pelas Cabanas. À noite fomos jantar no restaurante Techado Negro, tomamos a Quilmes mais gelada de toda história e pedimos novamente um prato com peixes. Conversamos sobre os planos para o próximo dia e comentamos sobre o “Ice Trekking” que vimos num panfleto no Hostel para talvez fazer isso na sexta feira.

13º Dia 27/03 – No topo do Pliegue Tumbado

A quinta feira amanheceu chuvosa e com tempo fechado, nosso objetivo para o dia é fazer a trilha do Pliegue Tumbado, uma subida de 10 km até uma montanha à esquerda da Laguna Torre de onde é possível ter um visual completo de tudo que foi percorrido nos dias anteriores, porém, com tais condições de tempo resolvemos passar o dia na Pousada descansando. Fomos novamente tomar café na estação rodoviária, ali faziam uma “Tostada con Jamón y Queso” (Torrada de Presunto e Queijo) muito boa, comemos e durante o café surgiu novamente à ideia de investigar o “Ice Trekking” que comentamos ontem. Após o café, já era em torno das 9 horas da manhã, fomos até a agência conhecer a proposta. Ficamos cerca de 1h30min dentro da agência vendo mapas e conversando sobre as opções de aventura e assim contratamos o Ice Trekking como nossa última opção de aventura em Chaltén, no entanto, não havia mais pacotes disponíveis para o mesmo dia, somente para amanhã (sexta-feira) com saída às 8 horas.

Ao sairmos da agência uma agradável surpresa, o tempo, como num passe de mágica havia mudado totalmente, passando de um dia nublado e chuvoso para um dia aberto e ensolarado, não tivemos dúvida, vamos ao Pliegue Tumbado. Passamos no mercado comprar um lanche, água e frutas, fomos para a Cabana pegar as mochilas de



Figura 39: Visual do Pliegue Tumbado.

ataque e partimos logo para aquilo que seria um dos dias mais legais de toda viagem. O tempo se manteve bom o dia todo, a trilha da subida de 1.000 metros até o Pliegue é muito bonita, pedras, bosques, campos, vegetação verde e colorida, um espetáculo. Subimos relativamente rápido, chegamos ao mirador do Pliegue em torno das 13 horas, ali almoçamos nosso lanche e fizemos algumas fotos, aliás, diga-se de passagem, fotos sensacionais. Do Pliegue é possível ver o Fitz Roy, a Laguna Capri, a Laguna e o Cerro Torre sob um ângulo único e muito bonito. Mas ainda faltava mais, do local que almoçamos ainda dava pra subir, uma subida pelas pedras até o Topo do Pliegue Tumbado. Uma visão 360° impressionante de toda região. Valeu a pena todo esforço pela subida, um dia que havia sido considerado perdido foi um dos melhores. Descemos rápido e retornamos para Chaltén no final da tarde para jantar e descansar para aproveitar ao máximo nosso último dia de aventuras.

14º Dia 28/03 – A caminhada no Gelo

Acordamos às 7 para tomar café, nos dirigimos para o tradicional café na estação rodoviária, mas a lancheria estava fechada, então, tratamos logo de procurar uma padaria para fazer nosso desjejum. Na única padaria de encontramos aberta naquele horário, não era permitido comer, apenas comprar para levar, estranho, mas tudo bem. Compramos uns salgados e iogurte e fomos comendo pela rua mesmo.



Figura 40: Glaciar Viedma (Frontal)

Chegamos à agência Patagônia Aventuras às 7h45min para embarcar no ônibus às 8h00min rumo ao Lago e Glaciar Viedma, local onde faríamos nossa caminhada no gelo. A saída foi pontual, estávamos num grupo de aproximadamente 25 pessoas, divididos nas 3 opções de passeio disponíveis: Ice Light (programação fácil para pessoas com pouco ou nenhum preparo físico), Ice Trekking (caminhada de 2 horas pelo Glaciar) ou o Ice Pro (caminhada de 3 horas pelo glaciar com trechos de escalada no gelo). Partimos todos juntos rumo à Baía Túnel, local de onde saiu o barco para o Glaciar.

A navegação até o Glaciar nos deu belíssimos visuais, percorremos cerca de 15 km pelo lago passando pela frente do Glaciar Viedma onde pudemos tirar várias fotos e ter uma noção do tamanho gigantesco do lugar para em seguida chegar ao rochedo onde desembarcamos para a aventura. Fazia bastante frio e ventava muito forte, caminhamos alguns metros pelas pedras



Figura 41: Glaciar Viedma (Lateral).

totalmente polidas pelo deslocamento dos blocos de gelo sobre elas, algo que nunca tinha visto igual. Paramos próximo ao início do Glaciar onde recebemos os “grampões” para fixar embaixo das nossas botas para conseguirmos caminhar sobre o gelo. Nosso grupo era formado por aproximadamente 10 pessoas e mais os 3 guias que iriam nos conduzir.

Os guias fixaram o equipamento em nossos pés um a um, em seguida nos passaram às instruções sobre como deveria ser a caminhada pelo glaciar.



Figura 42: Ice Trekking - Glaciar Viedma.

Uma experiência fascinante. Estar sobre um glaciar é algo sem precedentes, a todo o momento você fica se perguntando se aquilo é verdade, porque até aquele instante o maior cubo de gelo que tinha visto ao vivo na vida eram algumas garrafas plásticas congeladas, como citei também no início do relato em nosso passeio no Glaciar Perito Moreno. Essa visão inacreditável aliado às explicações sobre os glaciares dadas pelos guias nos impressiona ainda mais. O glaciar é uma formação gigantesca e dinâmica, muda e se movimenta constantemente, realmente é algo difícil de acreditar, muito mais complicado de tentar explicar.

Caminhamos por fendas, grutas, pequenos picos, sempre com o acompanhamento de perto dos guias, quase no final da caminhada nos serviram um pequeno “Drink” com licor de chocolate servido com o gelo do próprio glaciar, muito interessante. Terminada a programação retornamos ao rochedo para esperar pelo barco, lá almoçamos nosso lanche e em seguida nos comunicaram



Figura 43: Escalada no Gelo no Glaciar Viedma.

sobre um problema no barco e que o mesmo ainda demoraria mais 2 horas para chegar. Nesse instante, tivemos a quarta sorte grande da viagem, para passar o tempo, os guias resolveram nos levar de volta ao glaciar para fazer pequenas escaladas pelo gelo (a mesma proposta do pacote Ice Pro, ou seja, pagamos pelo Ice Trekking e ganhamos o Ice Pro de cortesia). E assim foi o nosso dia, mais 2 horas se passaram com as atividades no gelo, nosso barco foi consertado e estava pronto para nos conduzir de volta. Nossa última noite em Chaltén seria mais um jantar no restaurante Ahonikenk e mais uma bela noite de sono e descanso no Hostel Cabañas Cerro Torre.

15º Dia 29/03 – Inicia nossa viagem de volta

Nossa passagem já havia sido comprada em Calafate, quando viemos para Chaltén, assim não nos preocupamos mais com este detalhe. Tomamos o último café na lancheria da rodoviária e embarcamos de volta para Calafate às 8 horas em ponto. Uma viagem tranquila, chegamos ao Aeroporto próximo das 11 horas. Fomos logo ao guichê da Aerolíneas Argentinas tentar antecipar nosso voo, mas não obtivemos sucesso na negociação. Assim o jeito foi aguardar o voo 1693 para Buenos Aires que estava marcado para as 16h25min. Para passar o tempo fomos caminhar pela estrada de acesso ao aeroporto, levando em conta “o pouco que caminhamos” nos dias anteriores fizemos mais uns 2 ou 3 km pelas margens da rodovia, retornamos próximo ao meio dia e almoçamos no restaurante do aeroporto.

Depois ao almoço o tédio nos fez companhia, a hora não passava, resolvi olhar as fotos, pois assim conseguia gastar mais alguns minutos até a hora do nosso embarque. Lá pelas 15 horas foi aberta a sala de embarque e fomos pra lá, afinal, já estávamos quase criando raízes ali sentados nas cadeiras daquele restaurante. Nosso embarque foi pontual e nossa decolagem também. O voo até certo ponto foi tranquilo, mas passamos por alguns momentos de forte turbulência, as “sacudidas” eram bem fortes, mas no final das contas deu tudo certo. Pousamos no Aeroporto Ezeiza às 19h00min e logo fomos à procura de um transporte para nos levar novamente ao Hostel Parada, na Rivadavia em Buenos Aires. Pegamos um Táxi que nos cobrou 300 pesos.

Chegando ao Hostel, fomos logo para nossas acomodações e dessa vez a reserva do quarto duplo estava correta. Como ainda era cedo, deixamos tudo ali e fomos bater perna mais uma vez pelas ruas da cidade. Na saída encontramos com outro Brasileiro, um Paranaense que está estudando Medicina em Buenos Aires, conversamos alguns minutos com ele contando da viagem e dos apuros que passamos e aproveitamos para perguntar sobre o transporte para o Aeroparque na manhã seguinte para o voo de volta para o Brasil. Então, ele nos sugeriu ir de ônibus e nos deu algumas orientações usando um mapa da cidade sobre qual linha deveríamos pegar e em qual ponto deveríamos esperar. O Paulo já havia lido sobre o assunto, e sabia que o transporte coletivo só recebe pagamento em moedas, portanto, tratamos de ir jantar e conseguir 5 pesos em moeda cada um para poder pagar o ônibus que nos levaria até o Aeroporto na manhã seguinte. Jantamos um bife a Parmegiana cada um e tomamos mais uma Quilmes gelada. Conseguimos as moedas com a garçonete e voltamos pro hostel descansar.

16º Dia 30/03 – A volta do Brasil

Deixamos tudo pronto na noite anterior, assim, acordamos cedo, tomamos café no Hostel (Café com Croissants) e partimos em direção à Avenida 9 de Julho para esperar pelo ônibus da linha 45. Pegamos o ônibus das 10 horas e chegamos ao aeroporto em torno das 10h45min. Ainda bem que o Paulo sabia do pagamento somente com moedas, pois na parada de ônibus havia outro casal de turistas que tentaram embarcar querendo fazer pagamento com cédulas de papel e o motorista do ônibus não os deixou entrar, além disso, não há cobrador, cada veículo possui uma máquina que recebe e conta as moedas depositadas e emite a sua passagem. A grande maioria dos passageiros viaja com um cartão magnético de libera a passagem.

Nosso voo para o Brasil era o 1228 também da Aerolíneas Argentinas e estava marcado para decolar às 13h35min, sendo assim, optamos por esperar pelo embarque e almoçar assim que pousarmos no em Porto Alegre, mas, nos enganamos. Nessas alturas já gastamos todos os pesos (moeda) que trocamos para a viagem, mas ainda tínhamos dólares e reais. Ficamos de olho no painel da companhia, mas nada de chamarem para o embarque. O voo atrasou, remarcaram para as 14 horas. Esperamos em vão, outro atraso agora remarcando para as 14h30min. A fome já começava me incomodar um pouco, assim, resolvi verificar se podia pagar com reais e fui comer um lanche.

No fim das contas, nosso voo decolou de Buenos Aires às 16 horas com mais de 2 horas de atraso, porém, isso infelizmente pode fazer parte da viagem e foi o que aconteceu conosco. Impressionante como em dias de viagem a gente não faz praticamente nada, mas ficamos cansados como se tivéssemos trabalhado o dia todo.

Chegamos a Porto Alegre em pouco mais de 1 hora depois, pegamos o carro do Paulo e partimos para o último trecho da nossa viagem, da Capital até a Serra. Como bons colorados que somos, ficamos felizes em saber que o Inter havia ganhado do Grêmio em casa por 2 x 1 a primeira partida da final do Campeonato Gaúcho 2014.

Bento Gonçalves, Serra Gaúcha. É hora de retomar a vida normal e passar a contar as histórias de uma viagem que ficará para sempre gravada em nossa memória. Deu tudo certo.

Considerações Finais

Uma viagem sensacional. Espero ter conseguido passar a vocês amigos leitores um pouco daquilo que vimos e vivemos durante a viagem. Aqueles que me pedirem como foi e que estiverem com vontade de conhecer a Patagônia eu vou dizer: - Vai que vale a pena! E realmente valeu muito a pena para nós, seja como um desafio, como experiência de vida, como aprendizado, como mais uma conquista, como autoconhecimento.

Nosso propósito para a viagem era abrir mão de todo conforto e fazer uma aventura na sua essência, carregando todo equipamento, toda comida, percorrendo todo trajeto caminhando e aproveitando ao máximo cada minuto em que estivemos lá. Além disso, nosso principal objetivo era gastar pouco, por isso optamos por pernoitar e hostel e não em hotéis, andar de ônibus ao invés de táxi, acampar na maior parte do tempo e preparar nossa própria alimentação ao invés de usar os restaurantes, tudo isso foi definido e planejado muito antes de iniciamos nossa viagem.

Planejamento, eis aí um termo que deve muito bem pontuado e considerado antes de realizar qualquer aventura ou viagem do modo como fizemos. Antes da viagem nos reunimos para conversar sobre vários aspectos e trocamos dezenas de e-mails com informações e dicas sobre o que levar, mapas, trilhas, estrutura, tempo, equipamentos, tudo, e ainda assim, sempre acaba faltando alguma coisa.

A alimentação é um item muito importante e deve ser muito bem planejado para aventura deste porte, as refeições quentes, o café da manhã, chás, açúcar, sopas, sucos, doces, tira gostos, balas, rapaduras, há uma infinidade de opções que devem ser pontuadas e planejadas dia a dia para que se tenha uma nutrição completa e suficiente para repor os gastos energéticos que você terá em decorrência do esforço diário.

Mas a questão mais importante de todas é a sua mente, como está seu padrão de pensamentos para encarar um grande desafio como este, como você está preparado psicologicamente para suportar tudo que está por vir, o frio, o vento, o calor, o sol, a chuva, as subidas, os obstáculos, o peso da mochila, os insetos, a saudade, a falta de conforto, de banho, de comida, de opções, a nova rotina que terá que se adaptar por dias e dias longe de tudo e de todos. As dificuldades vão aparecer e você precisa estar preparado.

Pensamentos Motivadores

“Um homem precisa viajar. Por sua conta, não por meio de histórias, imagens, livros ou TV. Precisa viajar por si, com seus olhos e pés, para entender o que é seu. Para um dia plantar as suas próprias árvores e dar-lhes valor. Conhecer o frio para desfrutar o calor. E o oposto. Sentir a distância e o desabrigo para estar bem sob o próprio teto. Um homem precisa viajar para lugares que não conhece para quebrar essa arrogância que nos faz ver o mundo como o imaginamos, e não simplesmente como é ou pode ser. Que nos faz professores e doutores do que não vimos, quando deveríamos ser alunos, e simplesmente ir ver.” *(Amyr Klink)*.

"Daqui vinte anos você estará mais decepcionado pelas coisas que você não fez do que pelas coisas que você fez. Portanto, navegue longe dos portos seguros. Pegue os ventos da aventura em suas velas. Explore. Sonhe. Descubra." *(Mark Twain)*.

“Descobri como é bom chegar quando se tem paciência, e para chegar onde quer que seja, aprendi que não é preciso dominar a força, mas a razão. É preciso antes de mais nada, querer!!” *(Amyr Klink)*.

"A força não provém da capacidade física, mas de uma vontade indomável." *(Mahatma Gandhi)*.

"A verdadeira medida de um homem não é como ele se comporta em momentos de conforto e conveniência, mas como ele se mantém em tempos de controvérsia e desafio." *(Martin Luther King)*.

"A dor é passageira. Desistir é para a vida inteira." *(Lance Armstrong)*.

"A causa da derrota, não está nos obstáculos, ou no rigor das circunstâncias, está na falta de determinação e desistência da própria pessoa." *(Buda)*.

“E quando você pensar em desistir lembre-se dos motivos que te fizeram aguentar até agora.” *(Sharpie Thoughts)*.

“A felicidade não depende do que nos falta, mas aproveitar o máximo o que nos é oferecido.” *(Thomas Handy)*.

Lista de Apetrechos

Importante citar que descreveremos abaixo os itens utilizados por nós durante viagem que originou o relato acima, como forma de exemplificar e apresentar algumas dicas e opções, sendo assim, esta lista de materiais não é uma regra absoluta e deve ser minuciosamente planejada e calculada conforme a necessidade, porte físico, duração da viagem e interesse de cada aventureiro. Itens para fins meramente informativos. As marcas escolhidas também dependem do gosto e da viabilidade financeira de cada um, não estamos de forma alguma querendo induzir o uso destas ou menosprezar outras marcas, apenas apresentaremos os itens e marcas utilizados por nós na aventura.

Descrição	Marca
Mochila Cargueira 60+15	Deuter
Barraca Nepal II	AZTEQ
Saco de Dormir	The Nort Face
Isolante Inflável	Thermarest
Travesseiro Inflável	Guepardo
Bota Tronador	Snake
Tênis Ultra GTX	Salomon
Anorak	Timberland
Fleece	Columbia
Calça C/Pernas Retrâteis (2)	Columbia
Camisa ThermoSkin	Solo
Camisa Ex-Thermo	Solo
Casaco Impermeável	Columbia
Calça Térmica	Curtlo
Meias (4 Pares)	-
Toucas	-
Luvas	-
Bandana (2)	-
Lanternas	-
Canivete + Talheres	-
Fogareiro (1 Boca)	-
Kit Panelas	-
Caneca ou Copo	-
Prato	-
Cantil	-
Saco Estanque	Sea To Summit
Óculos de Sol	-
Bolsa Térmica	-
Cordeletes	-
Kit Primeiros Socorros	-